

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assist. encarregado de regência na Fac. de Ciências da Univ. do Pôrto

Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

Membro titular da Société d'Ethnographie de Paris

LENGA-LENGAS E JOGOS INFANTIS



1938 — PÔRTO



9-053.2(04)

As patricio e prezado amigo Sr.
Antonio Silva com muita estima
oferece o autor

LENGA-LENGAS
E
JOGOS INFANTIS



Barcellos
Perm.



0254

Extracto do fasc. III do vol. VIII

DOS

«Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÔRTO

(Subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura)

Director — *Prof. Dr. Mendes Corrêa*

C. M. B.
BIBLIOTECA

LENGA-LENGAS e JOGOS INFANTIS

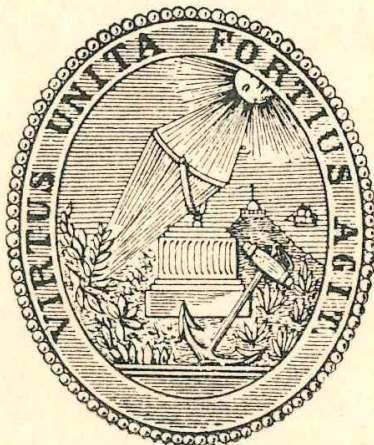
FOR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assist. encarregado de regência na Fac. de Ciências da Univ. do Pôrto

Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

Membro titular da Société d'Ethnographie de Paris



PÔRTO

Imprensa Portuguesa

108, Rua Formosa, 116

1938

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco de Paula Leite Pinto,
inteligente obreiro da investigação científica em Portu-
gal, e ilustre Secretário Geral do Instituto para a Alta
Cultura, com muita admiração e alto apreço

O. D. C.

O AUTOR.

LENGA - LENGAS

E

JOGOS INFANTIS

Ainda tenho nos ouvidos o ruído álaire das brincadeiras com que, vai já para 30 anos, na escola da minha aldeia, preenchíamos os curtos vagares da labuta escolar. Tenho ainda bem gravados na retina os grupos saltitantes daqueles rapazes miúditos, mas vivos e mechidos como diabretes.

E pelo caminho, à ida e à volta da escola?! Isso é que era reinação! Quanta brincadeira, quanta correria pelos campos e pelas bouças do monte que eu todos os dias atravessava! E as guerras que nós fazíamos! Grupo dum lado, grupo do outro, e toca a jogar a pedrada desabaladamente numa fúria guerreira que as nossas espadas de pau bem cingidas mais encandesciam. Outras vezes, um grupo defendia o cucuruto duma eminência, enquanto o outro grupo, ladeira acima, procurava desalojar os defensores à fôrça de pedrada.

Isto era mais no inverno. Havia frio, era preciso correr e saltar. A prática dos exercícios violentos estava naturalmente indicada. Quando chegava a primavera, vinha a época dos ninhos. O encanto tão singular da procura dos ninhos sinto-o tão vivo, tão fresco ainda, que, certamente, é disso razão a profunda impressão de maravilha que nessa altura me possuía, como ainda

hoje me possue, ao observar a perfeição magnífica de alguns ninhos, fofinhos e quentes, na macieza das penas delicadas que os atapetam.

Mal o ninho se esboçava, nós já sabíamos qual era o passarinho que o fazia, quer pelo local, quer pelo material de construção, quer pelo tamanho e pela trama.

Aos rapazes mais amigos e menos tagarelas, confiava-se, não sem algum receio e com especiais recomendações de sigilo, o número dos ninhos descobertos, sua natureza e localização. Por vezes mesmo íamos aos ninhos em grupos ou vigiar o andamento da sua construção.

— Já sei de catorze ninhos.

— Hoje encontrei um ninho de *cerejinho*; anda a fazer.

— Eu também sei dum de *cerejinho* mas já anda no *macio*.

— Pois eu cá sei dum de *calcoré* com doze *pèdrinhas*.

— Sei eu dum de melro que anda no chôco, e doutro com três *sapinhos*.

Estes e outros dizeres semelhantes enchiam as nossas conversas de rapazes durante a quadra dos ninhos.

Eu nunca tirei um ninho. E sentia sempre profunda mágoa quando verificava que determinado passarinho engeitara. À minguado calor vitalizador que o peito sem pênas, por contacto directo da pele, lhes conferia, os ovinhos esfriavam. Ainda hoje tenho viva nas polpas dos dedos a sensação desagradável e penosa dos ovos frios do ninho engeitado.

Mas a época dos ninhos não durava sempre.

E também não faltavam jogos para nos ocupar todo o tempo livre. Quantas vezes roubávamos ao tempo de trabalho uns bons minutos para continuar na brincadeira?!

O eixo, a barra, o pião, o botão, as escondidas, a trinca cevada, eram os jogos preferidos e largamente praticados no meu tempo de rapaz e na escola da minha aldeia.

Para quê falar-vos do *eixo* tão conhecido e tão largamente espalhado que não há ninguém, calculo eu, que, no seu tempo de infância, o não tenha jogado. Tampouco vos falarei da *barra*, em que, numa porção da estrada poeirenta ou do ensombrado caminho vicinal, dois grupos, à porfia, corriam, fugindo à colhida em imprevistos lances cheios de graça e de agilidade. Rápidos momentos de descanso, só aquêles em que, depois de vir à risca do seu lado, cada um espreitava a melhor oportunidade de largar em corrida sôbre um dos contrários, evitando ser tocado por um adversário que da outra risca tivesse largado subsequente-mente.

Do jôgo do pião, do botão e das escondidas, também vos não falo. Para quê, se cada um de vós os conhece tão bem como eu.

A *trinca cevada* e o jôgo do pião foram jogos da minha predilecção.

Confesso a atitude de grande indulgência com que eu li o trabalho de Rocha Madahil ⁽¹⁾ publicado na *Revista Lusitana*, no qual se conta dum ilustre arcebispo da diocese de Braga, irmão bastardo do Rei D. João V, que se deliciava a jogar o pião nas ruas ensombradas pelo buxo verde-escuro da cêrca do seu palácio.

Na *trinca cevada*, jogava um número ímpar de rapazes, saltando-se para o dorso daqueles a quem calhava ficar, procurando manter-nos de pernas mais ou menos pendentes, em atitude semelhante à dum cavaleiro. Não valia mexer nem ageitar. Também perdia quem ao saltar não pronunciasse os dizeres obrigados: «Trinca cevada, trinca centeio, *aganta* commigo, meu belo compa-

(1) Rocha Madahil, *Um arcebispo que jogava o pião*, in «Rev. Lus.», vol. xxvi. Pôrto, 1927, págs. 172-183.

nheiro». A posição que calhava ao saltar era aquela em que cada um tinha de se conservar escarrachado, até que os de baixo convencidos da boa firmeza dos seus cavaleiros, dessem a voz de *arreia*, e tudo desmontava, para em seguida tornar a saltar. Por vezes um dos que cavalgava não conseguia agüentar-se e escorregando terminava por cair. Jôgo perdido e invertiam-se os papéis. Agora saltavam os que ainda há pouco faziam de cavalitos.

Estou ainda a ver a *mãi* — assim se chamava ao rapaz que atentamente vigiava o jôgo —, fiscalizando o cumprimento integral de tôdas as regras, sentado, vigilante, e mais os três rapazes que iam receber no dorso o grupo a quem cabia a vez de saltar, postos em fileira, arqueados, com a cabeça apoiada na parte posterior das costas do companheiro de diante. O dianteiro pousava a cabeça no colo da *mãi*.

Que belos saltos, quando se pulava por cima dos dois primeiros e íamos cair sôbre o da dianteira, deixando assim campo aberto para os outros que saltavam em seguida! Ou então quando saltando no fim, íamos cair sôbre um nosso companheiro já montado e flectido sôbre um dos adversários. A carga dobrada e o ímpeto do salto faziam com que o adversário, duplamente montado, flectisse, descarregando-nos em seguida.

Era o que nós jubilosamente chamávamos *arrear*.

*

* *

Estas reminiscências saúdosas do meu tempo de rapaz foram avivadas quando, em Dezembro último, li um ofício do Instituto para a Alta Cultura dirigido ao ilustre Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto e Presidente insigne da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa, pedindo a indicação de fontes subsidiárias,

documentos, notícias críticas, etc., que permitissem a colaboração num trabalho sôbre os « Usos e costumes, lendas, canções e jogos do folclore português relativos à tradição educativa da criança » que constituiria a indispensável contribuição nacional na obra comum a muitos países *La vie de l'enfant à travers le monde*, obra que deveria figurar na exposição de Paris em 1937.

No ficheiro dum etnógrafo há sempre algumas notas, apontamentos ou referências, aos jogos, lendas ou tradições das crianças.

Também eu tinha no meu ficheiro umas dezenas dessas notas. Esperava ocasião menos afadigada, para, aumentadas em número e valorizadas pelo seu estudo comparado com coisas semelhantes já publicadas e mais ou menos dispersas pelos jornais e revistas da especialidade, lhes dar a publicidade que trabalhos desta natureza sempre merecem.

Surgiu entretanto o ofício do Instituto para a Alta Cultura, e eu julguei obrigação dar o oportuno conhecimento do pouquinho que neste capítulo já há uns anos vinha colhendo.

Interessante e lógico seria agrupar, em capítulos diferentes, os jogos e brincadeiras consoante as idades em que mais vezes se praticam e ainda conforme os sexos.

Razões múltiplas me impossibilitam de apresentar as notas etnográficas que seguem, numa distribuição de perfeita seqüência e lógico encadeamento.

Tais como as dou, representam apenas o desejo de um dos mais obscuros cultores da etnografia pátria de colaborar também, na obra referida, a solicitação do I. A. C.

LENGA-LENGAS

Os rapazes pequenos, menos atreitos aos exercícios violentos de corrida e de salto, ficam-se muitas vezes sentados em grupos, repetindo lenga-lengas rimadas que vão dizendo à compita, num encadeamento rítmico que facilita a sua fixação e é, como tal, um esplêndido auxiliar da memória, que, desta forma, e sem disso darem conta, os pequenitos vão exercitando.

O encadeado da lenga-lenga minhota que segue lembra a história infantil da formiga que prêsa pela neve, se manifesta espantada da fôrça que tão rijamente a prende. Há nessa história, um encadeado de dizeres em que cada um sobrepuja o antecedente. O mesmo se observa na presente lenga-lenga:

Tim, tim, tim, Joaquim Manquinho
Tim, tim, tim, quem te mancou?
Tim, tim, tim, foi uma pedra
Tim, tim, tim, que aqui passou.
Tim, tim, tim, qu'ê dela a pedra?
Tim, tim, tim, está para o monte.
Tim, tim, tim, qu'ê dêle o monte?
Tim, tim, tim, o fogo o levou.
Tim, tim, tim, qu'ê dêle o fogo?
Tim, tim, tim, a água o apagou.
Tim, tim, tim, qu'ê dela a água?
Tim, tim, tim, os patos a beberam.
Tim, tim, tim, qu'ê dêles os patos?
Tim, tim, tim, estão a pôr ovos.
Tim, tim, tim, qu'ê dêles os ovos?
Tim, tim, tim, os frades os comeram.
Tim, tim, tim, qu'ê dêles os frades?
Tim, tim, tim, estão a dizer missa.
Tim, tim, tim, qu'ê dela a missa?
Tim, tim, tim, já acabou,
Tim, tim, tim, que já lá vou.

(Braga) (1).

(1) Indico a localidade onde recolhi cada uma das lenga-lengas, o que não quer dizer que o seu uso esteja circunscrito à terra indicada. Muitas das lenga-lengas que seguem têm larga difusão, sendo algumas delas, com ligeiras variantes, comuns de norte a sul do país.

Recordo-me de, no meu tempo de rapaz, dizer uma lenga-lenga semelhante, que já me não lembra tôda, mas que começava assim:

Tim tlim João Manquinho
Tim tlim quem te mancou?
Tim tlim foi uma vêlha
Tim tlim que por aqui passou.

(Águas Santas — Maia).

Ouçamos os garotitos trasmontanos:

Amanhã é domingo
Pé de cachimbo.
Toca na gaita,
Repica no sino.
O sino é de ouro,
Repica no touro.

O touro é bravo,
Mata fidalgo.
O fidalgo é valente,
Enterra menino
Na cova dum dente.

(Moncorvo).

Nos arredores do Pôrto colhi as duas variantes seguintes:

Amanhã é domingo
Bate no pingo,
A pomba é de barro,
O adro é fino,
O sino é de ouro,
O touro é valente,
Sete mulheres na cova dum dente.

(Águas Santas — Maia).

Amanhã é domingo
Bate no pingo,
A pomba é de barro,
A rêde é miúda,
O adro é de prata,
O sino é de ouro,
O touro é valente,
Sete mulheres na cova dum dente.

(Águas Santas — Maia).

No Minho, em Barrozelas, a chegada do domingo, dia de folga, e como tal consagrado à brincadeira, é apreciada com estes dizeres:

Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo.
O galo pedrêz
Pica na rêde.
A rêde é fina
Pica no sino.

O sino é de ouro
Pica no touro.
O touro é bravo,
Arrebita o rabo
P'ra cima do telhado.

(Barrozelas).

Com ligeira alteração a lenga-lenga de Barrozelas é dita pelos rapazes dos arredores do Pôrto:

Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo.
Toca-lhe a gaita,
Repenica o sino.
O sino é d'ouro,

Repenica o touro.
O touro é bravo,
Subiu ao telhado,
Quebrou uma telha
Fêz muito pecado.

(V. N. de Gaia).

Nem sempre, porém, a linguagem se conserva dentro dos limites da estricte correcção como poderemos ver pelos exemplos que seguem:

Amanhã é domingo
Cantarã o pintassilgo.
O pintassilgo é dourado,
Não tem rabo nem cavalo,
Tem uma mula cega,
Chega daqui a Castelo
De Castelo a Castelões.
Vai chamar o juiz
Para comer os cag.....
Fui à mata do concelho,

Com uma espada de cortiça
Para matar a preguiça,
A preguiça deu um beiro
Tôda a gente atormentou,
Só uma vêlha é que ficou
Embrulhada num sapato,
Para dar de comer ao gato.
O gato não quis
Deu um p..... p'ró juiz.

(Moncorvo).

Segunda-feira fui à feira,
Terça-feira fui à feira,
Quarta-feira fui à feira,
Quinta-feira fui à feira,
Sexta-feira fui à feira,

Sábado fui ao Pôrto,
A cavalo num burro morto.
O primeiro que falar
Come os cag..... que o burro fizer
Menos eu que sou juiz.

(Águas Santas — Maia).

Segunda-feira fui à feira,
Terça-feira fui à feira,
Quarta-feira fui à feira,
Quinta-feira fui à feira,
Sexta-feira fui à feira,
Sábado fui à feira,
Encontrei um burro morto

As castanhas que êle largar.
São para o primeiro que falar,
Fora eu que sou juiz,
Cômo pernas de perdiz,
Fora eu que sou capitão
Cômo pernas de leitão.

(V. N. de Gaia).

Pelo sinal
Do cu granal
Comi toucinho
Fêz-me mal.
Puze-o no prato

Levou-mo o gato.
Fui trás dêle
Com um cordel,
Cag... na mão
Para ti e p'ra êle.

(Meirinhos — Mogadouro).

Amanhã é domingo
Canta o *pintassirgo*, (sic)
O *pintassirgo* é dourado
Nem tem asas nem cavalo,
Tem uma burriquinha amarela
Que anda de Castela em Castela.
Eu sou o Senhor juiz,

Hei de comer uma perdiz.
Eu sou o Senhor capitão
Para comer um bom leitão.
Eu sou Senhor juiz
Posso falar quando quiser.
E o primeiro que falar
Há-de comer um cag...

(S. Pedro — Mogadouro).

Tão grande é a tendência para as lenga-lengas, que mesmo durante a realização dos exercícios escolares as empregam a cada passo. Como exemplo vejamos a que colhi em Águas Santas, e que as garotinhas diziam enquanto de mão espalmada batiam na lousa, bem firme sôbre os joelhos, para a secar mais depressa, depois de apagada com um pano molhado em saliva:

Seca aqui, seca acolá
Na bolinha do papá
Que o papá vem amanhã
Com uma faca de leitão
P'ra matar o capitão.

(Águas Santas — Maia).

No fim do jôgo das pedras (ou das *mecas*), das cinco pedras com que se joga, 4 dispõem-se em cruz e atira-se a outra ao ar apanhando de cada vez duas pedras, mas igualmente em cruz. Ao mesmo tempo dizem:

Rolha capote
Na labita do velhote.

Outras vezes dizem a variante:

Azeite e vinagre
P'rá Santíssima Trindade.

(Águas Santas).

É bem certo: «Rapazes nem quietos nem calados».

Às vezes, depois de pincharem à farta, já estafados, sentam-se em grupos, e mesmo assim, têm lenga-lengas para dizer.

À maneira que dizem a lenga-lenga seguinte, afagam carinhosamente, como quem faz festas, cada uma das regiões da face a que se vão referindo. Terminam, porém, por umas sapataditas que tantas vezes levam os garotitos a pegar à bulha:

Êste queixo
Queixorreiro,
Esta bôca comedeira,
Êste nariz narizête,

Estes olhos de pisquete,
Esta testa de melão,
Estes cabelinhos d'ouro,
Foge rato que te estouro.

(V. N. de Gaia).

Também dizem:

.....
.....
.....
Esta testa de panela,
Vamos todos
Bater nela.

(V. N. de Gaia).

Em Águas Santas (Concelho da Maia), recolhi esta variante:

Êste queixo
É bebedeiro,
E esta bôca
É comedeira,
Êste nariz

De salpicão,
E esta testa
De panela,
Vamos todos
Bater nela.

«Rapazes são o diabo!» Calcule-se que, na Quinta de S. Pedro (Mogadouro), quando um rapaz aparece com o cabelo cortado, quási sempre rapado à escovinha, os outros agarram-no e com os nós dos dedos batem-lhe de rijo na cabeça, dizendo:

Tosqueado
Marmalhado
Leva os porcos
À vezeira

C'uma vara
De nogueira
Xota-os bem
P'ra Teixeira.

(S. Pedro — Mogadouro).

A simples conquista dum lugar tem também a sua lenga-lenga própria. Assim se uma criança se levanta e outra pretende aquêlê lugar, momentâneamente vazio, nêlê se vai sentar num pronto e diz qualquer das variantes:

Quem vai ao mar
Perdeu o lugar.

Quem vai ao vento
Perdeu o assento.

(Águas Santas).

Nem os botões da farpelita escapam. A cada botão apontado corresponde uma palavra das lenga-lengas que seguem.

O nome que coincide com o último botão apontado, é o atribuído ao visado. Isto por vezes dá chinfrineira com um ou outro bofetãozinho à mistura.

Eis algumas dessas lenga-lengas:

Rei	Rei	Rei	Rei	Rei
Capitão	Capitão	Capitão	Capitão	Capitão
Soldado	Soldado	Soldado	Soldado	Soldado
Maneta	Ladrão	Ladrão	Ladrão	Ladrão
Ladrão.	Mono	Menina	Menino	Menina
	Menina	Bonita	Jesus	Bonita
	Macaco	Do meu	Pregado	Rapaz
(Quinta de	Simão.	Coração.	Na cruz.	À feição.
S. Pedro —				
Mogadouro)	(Moncorvo)	(Bragança)	(Bragança)	(V. N. de Gaia)
	(Penafiel)			

Até os fenómenos meteorológicos dão azo a lenga-lengas.

Quando o arco íris aparece é freqüente ouvir os rapazes gritarem-lhe:

Arco da vélha
Sai-te daí
Menina bonita
Não é para ti.

(Águas Santas — Maia).
(Vila do Conde, Barcelos).

Arco da vélha
Não bebas daí
Que os vélhos
E as vélhas
Mijaram aí.

(V. N. de Gaia).

Arco da velha
 Não bebas daí,
 Que os cães e os gatos
 Cag... aí.

(Baião).

Quando em certos dias de sol começa a choviscar, o rapazão
 não se contém que não berre;

A chover e a dar sol
 E a rapoza a tocar no fole.

(Águas Santas, Moncorvo).

A chover e a dar sol
 Na cama do rouxinol.

(Águas Santas — Maia).

Sol e chuva
 Casamento da viúva.

(V. N. de Gaia).

A chover e a dar sol
 Na cama do rouxinol
 O rouxinol está doente
 Bebe um calix de aguardente.

(Águas Santas — Maia).

Chove, chove
 No cu do pobre.
 Chovisca, chovisca
 No cu da Francisca.

(V. N. de Gaia).

A chover e a nevar
 E a rapoza no quintal,
 A Maria fraldiqueira
 Traz o homem na palheira.

(V. N. de Gaia).

Senhora de Campanhão
 Dá-me sol e chuva não.

(Pôrto e arredores).

Sol vai
 Sol vem,
 Beber água
 A Santarém,

Que lá está
 Uma menina
 A vender ovos
 A vintém.

(V. N. de Gaia).

Até o fumo da fogueira dá origem a dizer rimado. Se se está

à roda duma fogueira e o fumo vai para um dos lados, os que estão dessa banda dizem:

Fumo para lá
Carneiro para cá.

Fumo para lá
Carneiro para cá.

(Quinta de S. Pedro — Mogadouro).

Curiosas e bastante freqüentes são as lenga-lengas aritméticas de que damos alguns exemplos:

Um, dois,
Aboíinha, 3, 4,
Em latim.

O rapaz que jôgo faz?
Faz joguinho, faz jogão,
Conte bem que 20 são.

(Águas Santas — Maia).

Una, duna, têna, catêna,
Romana, Suzana
Do bico do pé.
Quita nove são dé.

(V. N. de Gaia).

Una, duna, têna, catêna,
Quina quinhão, andava no monte
Com seu canivel.
Deu um tiro tum tum
Conta bem que são 21.

(Águas Santas — Maia).

Una, duna, têna, catêna
Cigarra, bugalha, carrapiz, carrapéz
Conta bem que são dez.

(Águas Santas — Maia).

Una, duna, têna, catona,
Chicharro mamarro
Do bico do pé
São nove são dez. ⁽¹⁾
(Vagos).

Um, dois, três,
Que além vem o inglês
Pela estrada americana
Toca a burra castelhana,
Tlim, tlim, tlim,
Aqui estão os 23.
(Moncorvo).

Um, dois, três
Aqui vai um inglês
A cavalo numa cana
Para a ponte de Viana.
Tlim, tlim, tlês.
Contando bem são 23.

(V. N. de Gaia).

(1) Esta lenga-lenga devo-a à amabilidade da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luíza Mendes Corrêa de Magalhães Basto, a quem reitero os meus respeitosos agradecimentos.

Um, dois, três,
Aqui está o inglês
Pela estrada castelhana.
Sarruvio vi-o vi-o,
Aqui estão os 23.

(Quinta de S. Pedro —
Mogadouro).

Um e um e um,
Um e dois faz três.
Foram dois amantes
A matar uma rez,
Depois dela morta
Apareceram 23.

(V. N. de Gaia).

Zera, zera, zera
Zera duma vez
Eram três irmãos
Que mataram uma rez
Depois dela morta
Fizeram 23.

(Pôrto).

No alto da Cachoeira (ou Na ponte do Val Concelho)
Vinte e cinco cegos vão,
Cada cego leva seu moço,
Cada moço leva seu cão,
E cada cão leva seu gato,
E cada gato leva seu rato,
E cada rato leva sua espiga,
E cada espiga leva seu grão.
Diga-me agora a menina
Quantos são.

(Quinta de S. Pedro — Mogadouro).

Por aquela serra acima
Vinte e cinco cegos vão,
Cada cego tem seu moço

Cada moço tem seu cão
O cego dá pão ao moço
O moço dá pão ao cão.

(Vila Nova de Gaia).

Sem que com isso tenham outra finalidade que não seja o prazer auditivo da lenga-lenga encadeada e rítmica, até as orações dão ensejo aos rapazitos para, graciosa e ingenuamente, architectarem lenga-lengas no género das que seguem:

Padre nosso
Rilha o osso.
Rilha-o tu
Qu'eu já não posso.

(Águas Santas — Maia).

Salvé Rainha,
Mata a galinha,
Deita à panela,
Pregunta por ela,
Já está na güela.

(Águas Santas — Maia).

Pelo sinal
Do bico real (ou Do castiçal).
Comi toucinho
Fêz-me mal.
Se mais me dessem
Mais comia.
Adeus compadre (1)
Até outro dia.

(Águas Santas — Maia)
(Vila Nova de Gaia).

Salvé Rainha,
Mata galinha,
Põe-na a cozer,
Dá-m'a a comer.
Pergunta por ela,
Passou à gûela.

(Baião).

Padre Nosso
Caldo grosso.
Quero comer
E não posso.

(Baião).

Avé Maria
Tijela vazia.
Quero comer
Não tenho pia.

(Baião).

Credo em Deus Padre
Todo poderoso.
A mulher do abade
Pariu um raposo.
Ainda não era nascido
Já era guloso.

(Baião, Beira e arredores
de Lisboa).

Ave Maria
Tijela vazia
Queria mais caldo
Mas já não havia.

(V. N. de Gaia).

Creio em Deus padre.
Fugiu pela grade.
Alqueire de milho,
Por entre o centeio,
Subiu ao céu.
Caíu-lhe o chapéu.
Eu quis-lhe chegar
Êle quis-me ferrar.
Botei a fugir
Êle pôs-se a rir.

(Baião)

*
* *
*

Ainda dentro do capítulo das lenga-lengas, junto uma série de dizeres rimados que os rapazes, de norte a sul do país, usam para *chamar nomes* uns aos outros.

Estas lenga-lengas, com que as crianças tanto embirram, têm por base um nome próprio, ao qual se acrescenta um complemento rimado. Com ligeiras variantes estas lenga-lengas são as mesmas um pouco por tóda a parte.

(1) Adeus, senhor padre (variante dos arredores de Lisboa).

Na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, Mogadouro,
colhi a série que vai a seguir:

José mirandez,
Duma agulha faz três,
Dum sapato faz quatro,
Arrebunha como um gato.

Maria rabo de enguia,
Dá-me pão que já é meio-dia,
Que aí vem o bicho mau
Que te vai ao bacalhau. (1)

Manuel picharel
Dá as papas à Mulher
E *dá-las* c'uma colher.

António Moreno
Calças de fêno
Atadas ao rabo
Parece o diabo.

António badaloilo
No tempo dos nabos
Hei-de te chamar
Quarenta mil diabos.

João pinga pão,
Toca-le as caixas
Que elas virão.

José carramé,
Leva os gatos à maré,
Enfiados numa linha
Tocando na campainha.
Dlim, dlim, dlim, dlim.

João batalhão
Guarda as cabras
Que vão ao pão.
Toca-le a gaita
Que elas virão.

Chico burrico
Pernas de cabrito.
Orelhas de lebre
Diabos te leve.

Luiz catrapiz
Tira a monca do nariz.

Luiz piz piz
Tira a caca do nariz.

Ana badana
Roca de cana
Mija no lar
E c... na cama.

As que seguem são de Vila Nova de Gaia (2):

Antoninho
Foi ao vinho,
Deixa o copo
No caminho.

Nem o copo
Nem o vinho
Nem o cu
Do Antoninho.

(1) Também conhecida na Beira Alta.

(2) O funcionário do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, sr. António Marques de Almeida, de boa vontade, colheu em Vila Nova de Gaia, por sugestão minha, uma larga série de lenga-lengas. Muitas são semelhantes às que já conhecia em Águas Santas; outras, porém, constituem variantes.

Rosa ranhosa
Feiticeira mentirosa
Saia de balão
P'ra ti cag....

(1)
Ó Maria cotovia
Pega na roca e fia,
Que lá vem o bicho mau
Que te vai ao bacalhau.

Em Águas Santas, freguesia confinante com o Pôrto (concelho da Maia), terra onde moro e onde me criei, ouço a cada passo os rapazes *chamar nomes* uns aos outros. Do meu tempo de infância recordo ainda alguns dêles:

(2)
Joaquim, pim, pim,
Deita o balde ao pôço
Deita a culpa a mim.

José carramé
Deita os gatos à maré,
Enfiados numa linha
P'ra tocar à campainha.

Ana magana
Teve um filhinho
Debaixo da cama
Num c... nem meija
Nem vai à igreja.

(Idêntica em V. N. de Gaia).

Maria cotovia
Fecha as portas com de dia
Que lá vai o bicho morto
Que te vai ao passaroto.

(Idêntica em V. N. de Gaia).

(Idêntica em V. N. de Gaia).

Maria Augusta
Come e bebe à minha custa.

Júlia Casal
Caganita de pardal.

Mais esta colhida em Amarante:

Antone mogone
Nariz de alguidar.
C'o sentido nas moças
Não pode estudar.

E ainda esta de Sinfães e de vários pontos da Beira:

(1)
Joana magana
Rabeca suzana
Teve um filhinho
Debaixo da cama.

Em múltiplos jogos é necessário deitar sortes para ver quem fica.

Pode um, que manda o jôgo, dizer certa lenga-lenga, emquanto vai tocando de roda nos que se propõem jogar. São várias as modalidades de jogos a que se aplicam as lenga-lengas que seguem, se bem que as mais das vezes o sejam para o jôgo das escondidas:

Chôrro môrro pica o fôrro,
Lá te mandam a assentar,
Onde correm as águas turvas
Ao quartilho, ao real.
Salta a pulga na balança,
Dá um pincho põe-te em França.
Sola, sapato, Rei, Rainha,
Foi (ou vai) ao mar buscar grãoinha
Para as filhas do juiz,
Que estão prêsas pelo nariz.
Os cavalos a correr.
As meninas a aprender.
Qual será a mais bonita
Que se irá a esconder.

(Moncorvo).

Serrubico, bico, bico,
Quem te deu tamanho bico?
Foi o padre da Abitelha,
A jogar a sobancelha.
Sobancelha em redondo,
Como o sol se vai pondo,
E a pulga na balança
Dá um pulo põe-te em França.
Sola, sapato, rei, rainha,
Põe o pé na pompolinha.
O rapaz que jôgo faz?
Faz capão sobre capão.
Manda a vêlha responder,
Debaixo da cama de D. Inês
Lá te toca a tua vez.

(Louzada — freg. de Macieira).

Surrubico, bico, bico,
Quem te deu tamanho bico?
Foi o ouro e o da prata,
E o que estava na buraca.
A ave matou um grilo
Para a bôda de seu filho,
Tôda a ave convidou
Só a mosquinha deixou.
A mosquinha perfeitinha
Fêz caquinha no jantar,
E o piolho com a riza
Caíu da varanda abaixo.
Varre, varre vassoirinha,
Se varreres bem dou-te um vintém
Se varreres mal dou-te um real.
Sola, sapato, rei, rainha,
Foi ao mar buscar grãoinha
P'ras as meninas do juiz,
Que andam prêsas pelo nariz.
Os cavalos a correr,
E as meninas a aprender.
Qual será a mais bonita
Que se irá a esconder?

(Moncorvo).

Pico pico maçarico,
Quem te deu tamanho bico?
Lá no campo D. Inês
Burrês.
Pili um, pili dois, pili três
Lá te cabe a tua vez.

(Águas Santas — Maia).

As lenga-lengas que seguem, são de Vila Nova de Gaia;

por elas se pode ajuizar da semelhança, quási identidade, com as que colhi em Trás-os-Montes e no Entre-Douro-e-Minho:

Serropico maçarico,
Quem te deu
Tamanho bico?
Foi o padre da Botelha,
P'ra jogar a sobrançelha.
Sobrançelha é redonda,
Dá um pincho
Põe-te em Roma.
Sola, sapato, Rei, Rainha,
Põe o pé na *pamporrinha*.
O rapaz que jôgo faz?
Faz capão sôbre capão.
Manda a vêlha responder
Que vaz *arrecolher*
Na cama de D. Inês.
Lá te cabe a tua vez.

Seropico, pico, pico
Quem te deu tamanho bico?
Foi os dedos (sic) dos pecados
Para matar os cavalos.
Repiquei, repiquei,
Tanto milhinho achei!
E *botei-o* a moer
E os ratinhos a roer
Eu puxei-lhes pelo rabo
Botei-os ao Santiago.

Pico, pico, maçarico,
Quem te deu tamanho bico?
Foi a vêlha chocolateira.
Come ovos com manteiga.
Cavalinhos a correr,
E as meninas a aprender,
Qual será a mais bonita
Que se pode *arrecolher*?

Sola, sapato,
Rei, rainha,
Fui ao mar
Buscar sardinha,
Para o filho do juiz.
Por sinal êle não quis
E deu-me um traque no naris.

Estas lenga-lengas do Chôrro môrro, do Serrubico bico e do Pico, pico, maçarico têm uma larga difusão. Especialmente no norte de Portugal pode dizer-se que não há região onde ela não apareça sob qualquer das formas apresentadas ou sob outras variantes. (Vd. pág. 31).

JOGOS INFANTIS

Consoante as idades, e mesmo consoante o sexo, assim há jogos que as crianças preferem a outros. Há quadras do ano em que determinados jogos são os preferidos e é curioso registar que, em certos casos, há uma, por assim dizer, periodicidade na sucessão dos jogos. No que respeita por exemplo ao jogo do pião, na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, a quadra própria, fora da qual é raro vê-lo jogar, é a quadra do outono, especialmente nos meses de Setembro e Outubro.

Nos arredores do Pôrto e nos concelhos trasmontanos de Mogadouro e Moncorvo, desde há anos que venho recolhendo notas e apontamentos dos jogos com que rapazes e raparigas matam o tempo, brincando, rindo e pinchando à farta.

Na impossibilidade de fazer uma distribuição sistematizada dos diferentes jogos, agrupando a um lado os que são próprios das raparigas ou que pelo menos por elas são mais vezes jogados, a outro lado os jogos dos rapazes, que são em muito maior número, e num último grupo os que indistintamente jogam rapazes e raparigas, na impossibilidade de fazer esta sistematização, apresentarei um pequeno número dos que mais frequentemente tenho visto jogar aos rapazes da nossa terra.

*

* *

Sempre que se organiza um jogo, ou os que nêle tomam parte se dividem em dois grupos, ou então há um, que, gozando de privilégios especiais, vai perseguir todos os outros.

Êsse há-de ser escolhido dentre todos, e para isso, para se saber *quem fica* com êste encargo, há várias maneiras de fazer o apuramento. As mais das vezes tira-se à sorte.

Para isto, pode «dar-se a pedrinha». Esconde-se numa das

mãos uma pequena pedra ou qualquer outro pequeno objecto. Esta manobra é feita atrás das costas. Depois, estendidas as mãos, fechadas em punho e com o dorso voltado para cima, um dos que jogam, escolhe, por palpite, a mão que imagina vazia e dá-lhe uma sapatada. Se acerta na mão vazia, fica livre; se pelo contrário calha bater na mão da pedra, o que a dava está livre, e cabe agora a vez a êste de dar a pedra ao outro. O primeiro a dar a pedra é o que tem mais probabilidades de ficar livre. Por isso, enquanto se combina o jogo, o mais ladino, mal a combinação está feita, grita num pronto:

Pedrinha, minha madrinha
Já cá está há três dias.

(Águas Santas — Maia).

É êste, pois, o que dará a pedra em primeiro lugar, e portanto mais probabilidades tem de ficar livre.

São poucos os rapazes que, afoitamente, escolhem, por palpite, uma das mãos e lhe dão imediatamente a palmada característica da escolha. A maioria prefere acompanhar essa escolha com uma lenga-lenga, batendo ora numa ora noutra mão, até que, ao findar, estala a sapatada indicadora da escolha.

Eis algumas dessas lenga-lengas:

Navalhinha pintadinha,
Rabo de boi, rabo de bêta,
Disse o meu pai
Que estava *nêsta*.

(Moncorvo).

Minha mãe mandou-me à mestra
Aprender o *biá-bá*.
Minha mestra me ensinou,
Quero esta que aqui está.

(Águas Santas — Maia).

Pode ainda o que está a tentar a sorte da escolha franzir, com a mão, a testa do que está a dar a pedra e perguntar-lhe:

— Quantos figos tem a figueira?

O número respondido é o número de palmadas a dar alter-

nadamente numa e noutra mão. A última, é claro, é sempre mais puxada. (Também de Águas Santas).

Outras muitas lenga-lengas usam os rapazes para seleccionar, dentre todos, aquêles que há-de ficar.

Uma usada especialmente no jôgo das escondidas:

Os pretinhos da Guiné
Foram-se lavar ao mar,
Encontraram água suja,
Tornaram-se a *relatar*.

(Águas Santas — Maia).

O que diz a lenga-lenga, ao mesmo tempo que a pronuncia, vai passando a mão pelas cabeças dos que vão jogar, todos sentados em roda. Aquêles a quem calha o *relatar*, ficam livres e vão saindo.

De modo semelhante procedem com esta outra lenga-lenga:

Um, dó, li, tá,
Era di-mendá.
Picareta, florêta.
Um, dó, li, tá.

(Águas Santas — Maia).

Ou ainda esta outra:

Um, dois, três, quatro.
Quantos pêlos tem o gato?
P'ra acabar de nascer...
Um, dois, três, quatro.

(Moncorvo).

Algumas vezes, para proceder à escolha, os que jogam estendem as mãos, enquanto o que manda o jôgo faz essa escolha dizendo:

A galinha da papoila (outras vezes dizem *pupôna*)
Põe os ovos à manada,
Põe um, põe dois, põe três,
Põe quatro, põe cinco, põe seis,
Põe sete, põe oito,
Arrecolhe o teu biscoito.

(Águas Santas — Maia).

Jôgo das escondidas

O jôgo das escondidas é de todos o preferido, ao menos numa determinada época da infância, e é também aquêlê que, durante um largo período de anos, todos os rapazes e raparigas, de norte a sul do país, jogam com animação. Brincam às escondidas os pequenitos de 5 a 6 anos, e não é raro ver grupos de crianças já espigadas, à roda dos 13 e 14 anos, a jogar o esconde-esconde.

São muitas as variantes dêste jôgo. Darei algumas que pude registrar.

Em Águas Santas, concelho da Maia, nos arredores do Pôrto, *o que fica*, o que está no *coito*, de mãos espalmadas tapa os olhos e, voltado para uma parede, ou melhor ainda para um canto, conta mais ou menos compassadamente até 31; por último, grita:

Trinta e um alerta.
Agachar, agachar,
Que a galinha lá vai dar.
Esconder, esconder,
Que a galinha lá vai ter.

Vai em seguida procurar os escondidos e, mal os avista, em corrida veloz persegue o que se lhe afigura mais facilmente capturável a-fim-de o prender, para o que basta tocar-lhe. Ao mesmo tempo deve dizer 1, 2, 3 *casqueiras*, ou mais simplesmente, «prêso».

O último que fôr apanhado pelo que ficou será quem ocupa o lugar dêste na jogada imediata. Livres ficam os que conseguem chegar ao *coito* e bater as 3 *casqueiras*.

Na vila trasmontana de Moncorvo há um jôgo das escondidas inteiramente semelhante ao que acabo de descrever, apenas com esta ligeira diferença.

O que fica, depois de contar até 31, grita:

Rô, Rô,
Pita, choca
Já lá vô.

Em Moncorvo, também jogam êste outro jôgo das escondidas.

Um fica de *sentinela* e os restantes vão-se esconder. O de *sentinela*, de olhos fechados, vai batendo com uma pedra enquanto diz:

Bate, bate, pedra, malha,
Que o moleiro é mais vêlho.
Um, dois, três, quatro,
..... (vai contando até vinte).

Depois abre os olhos e diz:

Álerta, álerta.....
Quem se quiser esconder que se esconda.
Quem não quiser que se não esconda.

Então vai à procura dos outros. Quando vê um, corre até ao *coito* (sítio onde ficou de sentinela), bate três pancadas com a pedra e diz: um, dois, três por Fulano, acrescentando o sítio onde o avistou escondido.

Os rapazes de Moncorvo têm ainda um outro jôgo das escondidas. Então o sítio preferido é o adro da igreja. Os rapazes dispõem-se em fila de pé ou sentados nos bancos do adro, enquanto o que serve *de mesa*, vai passando a mão pela cabeça de cada um e diz:

Ronda, ronda,
Quiqueri bonda,
Sola mironda,
Fi-flisconda (¹).

(¹) À amabilidade do distinto funcionário superior da minha Universi-

Aquêle a quem calha o *flisconda* sai. Assim vão saíndo sucessivamente, até ficarem só dois. O da *mesa* então repete o que dizia para todos os outros, acrescentando:

.....
.....

Aqui passou el-rei D. Miguel,
Debaixo da ponte de S. Miguel.
Vem cá tu meu picharel.
Raza razão,
Farelos a meio tostão.
Tão, tão, tão.

Dos dois últimos, aquêle a quem calha o *tão* final vai-se esconder.

O que fica põe a cara no colo do da *mesa*. Fica a dormir, dizem os rapazes. Depois levanta-se e a *mesa* pergunta-lhe, cada um de sua vez, onde estão escondidos os rapazes. Se adivinha, a *mesa* diz:— Sai fulano que não tens cavalo. Se não adivinha:— Sai fulano que tens cavalo. No fim os que têm cavalo sobem, um de cada vez, para as costas do que ficou a dormir que têm de o trazer até à *mesa*. O rapaz que ficou de *mesa* bate-lhe nas costas e vai dizendo:

Docutinho, docutão,
Adivinha masseirão
Em que está a minha mão ⁽¹⁾.

dade, e meu prezado amigo Dr. Tito Lívio dos Santos Mota devo a variante que segue, reminiscência da sua infância, passada no Pôrto:

Ronda que ronda.
Quiqueri bonda.
São Lourenço
Filipe te esconda.

(1) O Dr. Tito Lívio dos Santos Mota informa-me que no Pôrto havia um jogo semelhante. O rapaz que manda o jogo, isto é, a *mesa* ou melhor a *mãe*, chamava, por acêno, um dos que jogavam, o qual em bicos de pés, vinha bater

Se o pobre diabo não adivinha, a *mesa* zupa-o e vai dizendo :

Se adivinhasses
Nem perdias nem ganhavas
Nem levavas cutiladas.
Docutinho, docutão,
Adivinha masseirão
Em que está a minha mão (1).

E assim de seguida até que todos montam o desgraçado, a não ser que êste, num ímpeto de revolta, sobretudo quando as cutiladas são mais violentas, resolva não aturar mais a brincadeira, o que sucede a cada passo.

A frase *em que está a minha mão* precisa de ser explicada. Assim, se a mão é posta com os dedos juntos e bem estendidos, está em lençol; se é posta em supinação e enconchada, está em bacia; se posta em punho fechado, está em martelo; se porém todos os dedos estão flectidos como na mão em martelo, mas o indicador se estende como quem aponta, a mão está em pistola, etc.

No Souto da Vélha, aldeia do concelho de Moncorvo, o jogo das escondidas apresenta a seguinte modalidade:

O que fica na *pelanqueira* vai batendo com uma pedra e diz:

Rau, rau
Macacau
Pita choca já lá vai.

uma palmada na região nadegueira do que estava de cara pousada no colo da mãe. Esta depois da palmada perguntava:

Farinha farelo.
Quem te deu com o chinelo?

(1) No jogo portuense a que se refere a nota precedente dizem também esta lenga-lenga apenas com a variante do último verso, que passa a ser:

Quantos dedos tem a mão.

Repete êste dizer umas 5 ou 6 vezes e depois grita:

Àlerta

Que estou com a boquinha aberta.

Sai depois em *prêgunta* (à procura) dos que se fôram esconder e, em vendo um, corre à *pelanqueira*, com a pedra bate três pancadas e diz: 1, 2, 3, por Fulano.

Os que podem, correm à *pelanqueira*, agarram na pedra, batem com ela três pancadas e fogem «ao p'ra trás». O que ficou, corre até o agarrar e trá-lo às cavaleiras até à *pelanqueira*.

Na Quinta de S. Pedro, da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro, para tirar à sorte o que há-de ficar, procedem de maneira semelhante à que descrevi para Moncorvo. A lenga-lenga é contudo diferente. Ei-la:

Rou rou,
Pinacrou,
Saí-le à ronda,
Feliz feliz-conda (1).

O que fica vai a *escorpichar* (procurar) os outros. Quando vê algum, diz imediatamente: *Escorpicha*. E grita em seguida para todos ouvirem:

— Sai *saleiro* que já há quem *dórma*.

Todos os que entram no jôgo saem dos seus esconderijos e agora *fica* o que foi *escorpichado*.

Na Quinta de S. Pedro jogam também as escondidas de

(1) Em Vila Nova de Gaia a variante seguinte:

Ronda que ronda,
Queri-qui conda,

S. Lourenço
Diz que se esconda.

forma semelhante à que recolhi no Souto da Vélha. O que fica na *malha* vai batendo com uma pedra e diz:

Bate, bate, pedra malha,
A pedrinha malha, malha,
O moleiro já é vélho
Aí vem o inglês
A contar a 23.
1, 2, 3, 4, até 23.

Depois vai a *escorpichar* os outros. Quando vê algum volta a correr à malha e bate, 1, 2, 3, por Fulano. É êste quem *fica*. Se um dos escondidos consegue vir à malha, bate com a pedra três vezes dizendo: 1, 2, 3, e deita a correr «ao atrás», levando a pedra na mão. O que ficou tem de o trazer a cavalo do sítio onde o agarrar até à malha.

Jôgo do pinto-ó-pinto ou da orelhinha

Colhido em Moncorvo.

O que «manda» o jôgo diz:

Ó pinto, ó pinto;
Venderam as vacas
A vinte e cinco.
Em que lugar?
Em Portugal.
Agarra, agarra
A minha orelhinha.

Assim vai dizendo de roda, até que todos tenham as mãos ocupadas a prender as orelhas dos parceiros do lado.

Depois dizem todos em côro e compassadamente:

Ó pinto, ó pinto,
.....
.....
Em Portugal.
Puxa, puxa
A minha orelhinha.

E desatam a puxar à valentona, num salsifré complicado de gritos e imprecações, para logo a seguir tornarem a começar.

Variante colhida na Cardenha, concelho de Moncorvo:

Surrubico, bico, bico,
Quem te deu tamanho bico?
Foi Nosso Senhor Jesus Cristo.
Para quê, para que não?
Para conter os guardanapos
À Senhora da Assunção.
Canta, canta Manuel João.
Disse Nosso Senhor
Que arrecolhesses esta mão.

Tira a mão e vai agarrar a orelha do vizinho. Quando tôdas as mãos recolheram e prendem as orelhas uns dos outros, formando uma espécie de cadeia, bambolem-se todos e vão dizendo:

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma vélha
Que por aqui passou.
No tempo da areia
Fazia poeira
Salta lagarto
Desta orelha.

E remata a brincadeira com uma puchadela final e valente. Ainda como variante do jogo precedente colhi na vila de Moncorvo a lenga lenga que segue:

Debaixo da ponte
Está um homem
A vender garrafas e garrafões,
Manda dizer a tia Rita
Que lhe puxasse por uma orelhita.

Na série colhida em Vila Nova de Gaia pelo Sr. António Marques de Almeida figura uma lenga-lenga inteiramente semelhante.

Jôgo do ío-palío

Um dos do grupo vai dizendo de roda:

Ío-palío
Ácio palácio.
Escrevi no portácio (ou Carabinas de portácio).
Se fores à fonte,
Corre e bebe água.
Monta naquele.

Ao terminar a lenga-lenga, *monta* calha a um dos rapazes e *naquele* ao seguinte, que terá de levar às costas o companheiro a quem calhou *monta*, até um sítio prèviamente combinado. Assim vão saindo aos grupos de dois até que só fica um na *malha*.

Êste grita em seguida:

Minha melrinha
Minha melrinha
Minha melrinha.

Imediatamente corre atrás dos outros. Quando agarra um, o que foi agarrado não só tem de o trazer a cavalo até à *malha*, como depois fica para ir agarrar os outros. É jôgo que vi brincar aos rapazes da Quinta de S. Pedro, Meirinhos, Mogadouro.

Pim-pim-plaço

É semelhante ao precedente e com êle se costumam entreter os rapazes de Moncorvo. Entra em jôgo um número ímpar de rapazes. Convém que seja um número grande 11, 13, 15 ou mesmo mais.

O que manda o jôgo diz:

Pim-pim-plaço
Calapina, calapintaço,
Foi ao monte.
Corre e bebe
Água monta
Em cima dêste.

Ao findar, dirá *em cima* apontando um rapaz e *dêste* no imediato.

Êste último levará o precedente às *cavaluchas* até determinado ponto previamente estabelecido. Uma vez nesse ponto o que manda o jôgo grita:

Passarinho àlerta, um
Passarinho àlerta, dois
Passarinho àlerta, três.

Todos correm imediatamente, procurando atingir o primitivo ponto.

Nessa corrida são perseguidos pelo que manda o jôgo que, tocando-os, os prende nesse ponto. Ao fim, cada um dos que ficaram prêsos terá de levar às cavaleiras o que manda o jôgo, até à *malha*.

Jôgo da pavada

Colhido na Quinta de S. Pedro.

Sentam-se todos com os pés para diante e a par. O que manda o jôgo, ou *mestre*, com um pequeno pau vai correndo os pés e diz:

A pitinha da pavada
Põe os ovos à manada,
Ponem um, *ponem* 2, *ponem* 3, etc. ...
... *Ponem* 7, *ponem* 8
Arrecolhe o teu biscoito.

Aquêle a quem calha *biscoito*, esconde o pé para trás.

Assim vão recolhendo os pés até ficar só um. Êste é quem vai fazer de *furão*.

Cumpre-lhe passar por entre as pernas de todos os outros que se colocam em fila e de pernas abertas. O diabo é que, mal o *furão* passa, o último da fila corre e vai pôr-se na dianteira. O *furão* em dada altura *enfada-se*, ergue-se de-repente e tomba

um ou dois. Outras vezes, quando o *furão*, com a pressa de chegar à frente, passa mais atabalhoadamente, recebe um pontapé como castigo e, quando calha, caem todos em cima dêle.

O pinho

É uma espécie de *eixo* que jogam os rapazes do Souto da Vélha (Moncorvo).

Primeiro *dá-se a malha*, isto é, tira-se à sorte com uma palhinha que se esconde numa das mãos. O que fica com a palhinha é que vai ficar *amarrado na marca* para os outros saltarem. O primeiro salta e diz *pinho*. Todos os restantes saltam e repetem o mesmo dizer. Saltam depois para o outro lado e dizem:

Pinho tem um ninho.

Vão saltando de cá para lá, e de lá para cá, até esgotarem a *lenga-lenga* que é:

Pinho.

Pinho tem um ninho.

O ninho tem um *goêgo* (1).

O *goêgo* tem um espelho.

O espelho era molar.

Perninhas de galgo para fugir.

Ao último dizer, mal que o derradeiro saltou, todos desatam a fugir. O que ficara *amarrado na marca* corre em sua persegui-

(1) Interrogados sobre a significação de *goêgo* não m'a souberam dizer. Na Quinta de S. Pedro (Mogadouro), os rapazes brincam um jogo inteiramente semelhante, diferindo, porém, na designação que passa a ser *quino* e na *lenga-lenga* que é:

Lá em cima vem o quino,

E o quino tem um ninho.

O ninho tem um espelho,

E o espelho é mui largo.

Deita minha galga a fugir

(Ou perninhas de galga a fugir).

ção. Em *agarrando* um, monta-o e vem às *cavaleiras* até à marca. O que foi agarrado é, agora, quem fica na marca para os outros saltarem.

Anda na mula

Também colhido na Quinta de S. Pedro (Mogadouro).

Um fica *amarrado*. Os outros vão saltando o *eixo* e dizem a *lenga-lenga*:

À uma anda na mula.
Às duas deu o relógio.
Às três o salto fêz.
Às quatro bem te salto.
Às cinco bem te brinco.
Às seis bom vinho *bebem n'os Reis*.
Às sete aqui deixo o meu *carapuchéte* (todos devem saltar sem tombar o barrete do 1.º que ao saltar o deixou ficar sôbre as costas do que está *amarrado*).
Às oito da farinha alveira se faz o biscoito.
Às nove não há cabrada sem bode.
Às dez pariu 10, da cabeça até aos pés.
Às onze bati à porta dum conde.
Às doze não me responderam.
Às treze, Senhor Alcaide Maior, prenda-me êste ladrão
Que roubou o camisão.
O camisão é de Landa (?).
Por isso me deu a *saranda*.
E a *saranda* estava rôta,
Por isso me deu a gôta.
A gôta era do vinho,
Por isso me deu o *pipino*.
O *pipino* era de quarta,
Cinco metros de fundura
Outros cinco de largura.
Assentada, madanada.
E aquêle que não der a assentada
Vai pagar meia canada.

Êste último dizer, dos 13, é proferido de enfiada e cada um,

ao saltar, terá de dar uma palmada valente nas costas do que está *amarrado*.

No Souto da Vélha (Mogadouro) também jogam o *anda na mula*. Na lenga-lenga há apenas as variantes seguintes; tôdas as outras são iguais.

Às três pau de pinho *fai* o pêz.
Às oito come arroz com biscoito.
Às onze já morreu S. Vicente.
Às doze já o foram a enterrar.
Às treze façam-lhe a cova bem funda
Sete varas de fundura
Outras tantas de largura.
Cula culada.
O que não der a culada
Bem dada,
Paga meia canada.

As cordinhas de S. Paulo

É jôgo que em Moncorvo, onde o colhi, é mais vezes jogado pelas raparigas do que pelos rapazes, embora estes também, de vez em quando, com êle se entretendam. As que jogam põem-se em fila, ombro a ombro, e dão as mãos. As que estão nos extremos da fila entabulam o seguinte diálogo:

- Senhora Comadre?
- Senhora minha?
- Quantos pães tem na sua arquinha?
- Vinte, e um queimado.
- E quem lh'o queimou?
- O ladrão do cabo.
- Passe por qui se não quer levar com as cordinhas de S. Paulo.

E tôda a fila, sem desprender as mãos, vem passar entre a primeira e a segunda que levantam os braços em arco; como

consequência, a segunda rapariga da fila fica com os braços cruzados e voltada para o outro lado ⁽¹⁾.

Repete-se o diálogo e a passagem em fila, agora entre a segunda e a terceira, e assim sucessivamente até que tôdas as raparigas ficam com os braços cruzados e as mãos dadas às parceiras do lado, isto é, faz-se uma corda de braços cruzados.

Novo diálogo entre as duas dos extremos.

— Senhora Comadre? O seu homem foi à feira?

— Foi, sim, senhora.

— E que lhe trouxe?

— Um dedal, uma agulha, uma caldeira e umas cordas.

— Ó senhora comadre? Emprésteme o dedal?

— Está furado.

— Emprésteme a agulha?

— Não tem só (buraco de enfiadura).

— Emprésteme a caldeira?

— Está furada.

— Então empreste-me as suas cordas?

— Estão cheias de nós. Vamos a ver se estoira.

Desatam a puxar cada uma para seu lado, até que no ponto da mais fraca as mãos se desprendem e a corda parte.

(1) No Pôito e arredores há um jôgo — *a corda queimada* — semelhante ao — *das cordinhas de S. Paulo* — que se descreve de Moncorvo, porém, para a formação da corda dizem a lenga-lenga seguinte:

Corda queimada,
Quem te queimou?
Foi um anjinho
Que por aqui passou.
Passou, passou, passou
Passou,.....

E sempre vão dizendo passou, passou, passou....., até que passando por debaixo dos braços levantados em arco todos ficam de braços cruzados sobre o peito e de mãos dadas.

Jôgo da raposa

Colhido em Moncorvo. Jogam-no rapazes e raparigas. Há um que faz de *galo*, outra de *raposa* e outra de *dona das galinhas*; tôdas as restantes constituem o magote das galinhas.

A dona das galinhas afasta-se e vai dizendo:

Fiar fiar qu'eu vou p'ró mar.
 Fiar fiar qu'eu vou p'ró mar.

 (1)

A raposa que está à espreita acorre imediatamente e rouba uma galinha que leva para determinado sítio.

Nessa altura o galo desata a cacarejar ruídosamente o que faz com que a dona regresse apressada.

— Que tens, galo?

— Roubaram a pitinha da calça amarela.

— Olha que se me deixas roubar outra, não sei o que te faço.

Uma a uma a raposa rouba as galinhas tôdas. Por fim, à segunda ou terceira tentativa, rouba também o galo.

A dona desesperada procura as galinhas por tôda a parte e vai inquirindo:

— Viu p'ra aqui as minhas galinhas?

— Fugiram para cima daquela eira.

— Xô, xô, não estão lá.

— Então fugiram para o olival.

— Xô, xô, não estão lá.

(1) No Pôrto e arredores há um jôgo parecido, em que a lenga-lenga é:

Fiar, fiar, qu'eu vou p'ró mar
 Acaçar peixinhos
 P'ró meu jantar.

E o diálogo vai prosseguindo até que, em dada altura, tôdas as galinhas, aos gritos de *pelar a raposa, pelar a raposa*, lhe fazem uma perseguição que dá ensejo a uma movimentada correria.

Jôgo do fura-fura

Durante a apanha da azeitona, logo atrás do rancho, vem um segundo rancho de rapazes, de raparigas e mesmo de mulheres; é o rancho dos *rebusqueiros*.

Andam ao rebusco, isto é, à cata do baguinho da azeitona perdida ou salteada, o que requiere atenção e paciência.

É mais prático e mais rendoso *fazer brecha*, ou seja, ir, escondidamente, roubar uns punhados de azeitonas das oliveiras ainda não apanhadas, o que nem sempre se faz sem perigo, pois o feitor e o guardador conservam-se vigilantes.

Façam ou não *brecha*, o que os rapazitos e raparigas de Moncorvo costumam fazer quando andam ao rebusco é jogar o fura-fura. Para isso dispõem-se em roda e cada um faz com a sua vara, espetando-a no chão, uma covinha cônica. Depois, de vara na mão, ficam atentos procurando meter a vara na cova do vizinho, e, na impossibilidade de tal, não deixar ao menos que outrem meta a vara na sua cova.

—Vá *raparigas*, quem não molha a pena perde.

Procurando distrair o parceiro, um dos que joga estende a vara e mete-a na respectiva covinha. Se assim sucede, todos vêm com as varas e, espetando-as na covinha, vão oscilando e andando de roda até a alargaram a mais dum palmo de bôca. Enquanto assim procedem, vão dizendo:

O lagarto é pintado da cabeça até ao rabo.

Por fim ao que era dono da cova agora alargada, tapam-lhe os olhos como se fôsse para jogar a cabra cega. Os outros com

as varas picam-no de longe e o desgraçado defende-se à bordada, dando pancada de cego p'ra direita e p'ra esquerda. As vezes a coisa é séria.

Jôgo da azeitona

É também jôgo próprio dos rapazes e raparigas que andam ao *rebusco*.

Cada um dos que jogam deita uma meia dúzia de azeitonas numa covinha feita geralmente perto da fogueira.

Depois, em roda, ora um, ora outro, atiram, de ponta, um gancho do cabelo, fazendo o lançamento de tal modo que êste espete as azeitonas e nelas fique cravado. Quando assim sucede, é azeitona ganha com direito a nova jogada.

Serra-a-vélha

No meio da quaresma, quando « se parte a quaresma ao meio », os rapazes do Souto da Vélha (Moncorvo), juntam-se para serrar a vélha. Cada um leva seu *fachoqueiro* de palha. Um dêles leva um cortiço. Em gritaria ensurdecadora, correm o povoado, parando nas casas onde há vélhas:

Adeus, minha avòzinha.

Adeus, minha avòzinha.

As vélhas, furiosas, vêm às portas ou varandas e descompõem o rapazio, atirando-lhes com coisas várias, e, quando calha, até com cântaros de água a ferver. É nessa ocasião que todos gritam:

Serra a vélha do cortiço

Minha avó não diga isso.

Serenada a gritaria, e a certa distância da casa visada, os rapazes juntam-se, dizendo um dêles:

— Vamos a ver esta madeira para o que dá.

Se a vélha que foi apupada é gorda, gritam:

— Esta é p'ra *cacha* de jugo do carro.

Se, porém, é magra, então dizem:

— Esta pode aplicar-se para dois *xaiméis* (1).

Daquela casa vão para outra, e assim passam por junto das casas de quantas vélhas há no povo.

Jôgo do pai vélho

Um faz de vélho e tem uma casa, marcada por um risco, num canto ou junto duma parede. Cada um dos que jogam tem também a sua casa. O «pai vélho» é desafiado pelos outros que lhe vêm gritar:

— Ó pai vélho, tum, tum, tum,
Que amanhã são trinta e um.

— Ó pai vélho, só dá pão,
Não dá caldo com feijão.

Os rapazes são perseguidos pelo «pai vélho» que, porém, não os pode agarrar dentro das respectivas casas. Mas, se os agarra cá fora, o agarrado passa a fazer de «pai vélho». (Colhido em Moncorvo).

Santa batuta

Um faz de *mesa*, é o que vai *mandar* o jôgo. Entre todos se tira à sorte, com a palhinha ou pedrinha na mão, o que vai *ficar*.

Êste dobra-se, põe a cara no colo da *mesa* enquanto todos os outros à volta se preparam para lhe dar palmadas nas costas.

A *mesa* diz: — *Santa batuta*; e todos repetem *santa batuta*, e,

(1) Xaimel é taboão para fazer tabique.

à uma, dão uma palmada nas costas do que «ficou». A *mesa* anuncia: — *Bater à bruta*; e as costas do infeliz ecoam como se fôsem tambor. Diz mais: — *Bater a falar*; e todos repetem a frase e batem nova palmada. Por fim: — *Bater a não falar*, diz a *mesa*; e todos devem bater, mas calados.

Se algum se engana e repete o que ouviu, perde, e vai substituir o que até ali serviu de bombo. Se todos batem em silêncio, o jogo prossegue e remata dizendo a *mesa*: — *Dar um belisco no rabo e toca a voar*. Todos se escapam depois de darem o beliscão. O que *ficou* persegue-os. O que fôr agarrado é o que *fica* na nova jogada.

Trinca-cevada

Na freguezia de Águas Santas, concelho da Maia, vi jogar, e joguei muitas vezes, a *trinca-cevada*.

Geralmente formavam-se dois grupos de 3. Um outro rapaz servia de *mesa*. Escolhido por sorte quais os que deviam ficar de entrada, os outros preparam-se para saltar, enquanto estes, dobrados e fazendo costas, se dispunham em fila, tendo o dianteiro a cabeça sôbre o colo da *mesa*.

Cada um dos que saltavam, ao fazê-lo, tinha de dizer:

Trinca-cevada, trinca-centeio,
Aganta comigo, meu belo companheiro.

Na primeira parte dêste trabalho, a págs. 5 e 6, faço uma descrição da *trinca-cevada*.

Baco

É uma espécie de *trinca-cevada* que costumam jogar os rapazes de Moncorvo. No *baco* entra em jogo maior número de rapazes. Cinco e seis em cada grupo.

Ao saltarem, dizem *baco*.

Emquanto os de baixo não disserem *baco*, os de cima não podem desmontar.

*

* *

O que escrevi, não passa duma pequena contribuição para o estudo do muito que no capítulo dos jogos e lenga-lengas infantis se pode e deve levar a efeito.

O estudo dêste capítulo etnográfico, dizendo respeito à criança, deve, por isso mesmo, merecer-nos especial interêsse.

É possível duma maneira indirecta averiguar do modo de ser daquela, da psicologia infantil.

Também por intermédio dos jogos preferidos, e até da maneira como a criança os realiza, podemos ajuizar do seu temperamento e das suas qualidades.

Veja-se, por exemplo, o que succede quando se *dá a pedrinha* para, na realização dum jôgo, tirar à sorte aquêle que há-de *ficar*.

São raros os que afoitamente, e de pronto, batem na mão que lhes palpita estar vazia. O vulgar é, como atrás se disse, servirem-se duma lenga-lenga especial.

Qual a razão? Será porque a lenga-lenga, mais ou menos demorada a pronunciar, lhes dá, por assim dizer, um pouco de tempo para architectarem o palpito?

Será ainda, como já algumas vezes tenho ouvido, para, em caso de insucesso, atribuirem a culpa, não a si mesmos, por engano de escolha, mas à insuficiência da lenga-lenga empregada?

Será enfim pelo simples prazer da rima?

Na verdade há lenga-lengas para cuja preferência pelas crianças se não encontra outra explicação que não seja o prazer da rima.

É o que sucede, por exemplo, com a lenga-lenga do *Tim, tim, tim, João manquinho* com que iniciamos o nosso trabalho. É também o caso de tantas outras que se lhe seguem, nomeadamente as que se referem à próxima chegada do domingo e que começam *amanhã é domingo*. Emfim, temos ainda as que atrás desigmo com o nome de *aritméticas*. Em qualquer destas lenga-lengas não se anteolha uma finalidade, uma razão de ser, relacionada com a preparação ou o decorrer dum jôgo. Apenas o prazer do encadeado rítmico transparece como sua causa determinante.

Tudo serve às crianças de pretexto para dizer lenga-lengas: um cabelo cortado à escovinha, os simples botões da roupa, especialmente do casaco e do colete, os fenómenos meteorológicos mais vulgares, tais como o arco da vélha e a chuva em dias de sol, e até a singela ocupação de novo lugar.

Recordo a curiosa lenga-lenga: *Quem foi ao mar perdeu o lugar*, ou a sua variante: *Quem vai ao vento perdeu o assento*, que colhi em Águas Santas, mas que tem uma larguíssima difusão de norte a sul do País, lenga-lenga que as crianças empregam quando se arrogam a posse dum lugar momentâneamente abandonado. A propósito dessa lenga-lenga, são muito interessantes as considerações feitas por Óscar de Pratt e Leite de Vasconcelos num artigo publicado na *Revista Lusitana* ⁽¹⁾. Segundo a opinião do primeiro destes autores, essa afirmação dum direito de conquista não seria de génese puramente infantil, mas popular, e dataria do tempo das navegações. O Prof. Leite de Vasconcelos é, porém, de opinião contrária e não lhe atribue essa origem, mas, dada a existência de fórmulas semelhantes noutros países, supõe que *mar* e *vento* figuram como simples rimas para *lugar* e *assento*.

A atestar a antiguidade de algumas destas lenga-lengas há

⁽¹⁾ Óscar de Pratt e Leite de Vasconcelos, *Quem vai ao mar...*, «Rev. Lus.», Vol. XXII. Pôrto, 1919, págs. 219 a 223.

referências curiosas. Assim, por exemplo, no jogo *Anda na mula*, se diz *passei à porta dum conde*. Ainda no mesmo jogo se fala na antiga medida de comprimento, a *vara*, que, é certo, ainda há pouco subsistia em muitas regiões e subsiste talvez ainda, mas quasi exclusivamente como medida de panos, e não como medida empregada para marcar o comprimento e a largura duma cova, como é o caso em referência.

Particularmente interessante é aquela em que se faz alusão a uma das nossas colónias, à Guiné. De novo a transcrevemos:

Os pretinhos da Guiné
Foram-se lavar ao mar;
Encontraram a água suja,
Tornaram-se a *relatar*.

Não menos interessantes são as passagens — «Aqui passou el-rei D. Miguel» que em Moncorvo dizem na lenga-lenga do jogo das escondidas (pág. 27), e — «Senhor Alcaide Maior prenda-me este ladrão» que ouvi em Mogadouro nos dizeres do jogo *Anda-na-mula*.

A necessidade da rima e, possivelmente, a corrupção originam palavras que, como *relatar*, e outras, nos deixam embaraçados quanto ao seu significado.

Um outro facto que não deve deixar de ser pôsto em evidência, embora para êle não encontre explicação fácil, é o que diz respeito ao emprêgo de certas palavras mais ou menos condenadas no uso da linguagem corrente, e que as próprias crianças costumam marcar com a designação de *palavras feias*.

Êste assunto já me mereceu também especial referência no trabalho *Nótula sobre o arremêso dos dentes* ⁽¹⁾, onde pus em

(1) Santos Júnior. *Nótula sobre o arremêso dos dentes*, em «Trabalhos da Sociedade Portuguesa da Antropologia e Etnografia». Pôrto, 1932. Vol. v, págs. 363-368.

realce o carácter coprolático da lenga-lenga com que as crianças, ao menos no norte do País, acompanham o lançamento do dente de leite para determinado local e geralmente para trás das costas. A lenga-lenga em questão, na sua forma mais vulgar, é:

Dente fora
Cag..... na cova,
Venha outro
P'rá casinha nova.

Também em algumas das que publicamos agora, aparece a mesma palavra do dizer próprio do arremêso do dente, ou palavras com significação afim. Às vezes a referência coprolática é suavizada, como sucede, por exemplo, com aquela passagem que transcrevo:

.....
Encontrei um burro morto,
As *castanhas* que êle largar
São p'ró primeiro que falar.

O encadeamento rítmico de muitas lenga-lengas é particularmente interessante. Êsse encadeamento, facilitando a sua fixação, é um esplêndido auxiliar da memória, que as crianças vão exercitando sem disso darem conta.

O estudo da criança, em todos os pontos de vista, interessa sobremaneira. Se é certo que o conhecimento das suas condições físicas, do seu crescimento, da sua resistência às doenças, de tudo o que as rodeie de particulares condições de defesa, nos deve preocupar como problemas de suma importância, não é menos certo que, tudo o que diga respeito ao ambiente moral em que a criança se desenvolve, tudo o que se relacione com a sua formação educativa, tudo o que, numa palavra, possa concorrer para a organização do seu temperamento e para a arquitectura das suas qualidades morais e espirituais, nos deve igualmente preocupar como problema igualmente de máxima importância.

E a Etnografia pode prestar admiráveis serviços neste estudo.

Por assim ser, na verdade, é que se pensou, a quando da Exposição Internacional de Paris do ano corrente, em publicar uma grande obra, comum a muitos países, que seria intitulada *La vie de l'enfant à travers le monde*.

De entrada fizemos referência ao convite nesse sentido dirigido ao Instituto para a Alta Cultura, ao qual agradeço o subsídio concedido para esta publicação. Foi respondendo à solicitação dêste Instituto que surgiu a idea de publicar o que há anos vínhamos coligindo, e que, tal como é, constitue singela homenagem dum obscuro investigador, às qualidades notáveis do Sr. Dr. Leite Pinto, ilustre Secretário do I. A. C., e ao mesmo tempo uma minúscula pedra para o grandioso monumento que se deve levantar à vida moral da criança.

Esta, sacrário augusto do anseio humano de eternidade, projecção, no futuro, da nossa aspiração permanente de amor, de beleza e de perfeição, deve, na plasticidade prodigiosa e admirável que nos apresenta, ser amparada, carinhosamente orientada, de modo a que venha a constituir amanhã elemento eficaz no conjunto harmonioso e magnífico da humanidade ideal, cuja transformação em realidade ambicionamos.

Universidade do Pôrto, Março de 1937.

(1) Um Barco:

Uma moçoima
Rabeca Susana
nem cago, nem meijo
nem base si egejo

}

(2) Lu Barcelos

O' Maria catobis

Feicha a yista cum do dia

Que la bal o bicho man

Que de bal o bocalhou

(3) Lu Barcelos

O' Luiz

Vira munda do mariz

Bore larbou o mafair

biblioteca
municipal
barcelos



6033

Lenga-lengas e jogos infantis